



**Sistema Agroflorestal e mutirões como ferramentas de transição agroecológica no Assentamento Pirituba II, Itapeva - SP.**  
*Agroforestry and community joint-effort as tools of agroecological transition in the Pirituba II settlement, Itapeva - SP.*

SILVA, Geovanna Carvalho Mariosi da<sup>1</sup>; SANTOS, Eleidimar Pereira dos<sup>2</sup>  
CARVALHO, Celia Aparecida de<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, gpicsmariosi@gmail.com; <sup>2</sup>Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, eleipsantos@gmail.com; <sup>3</sup>Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ccarvalho200@hotmail.com.

**Eixo temático: Campesinato e Soberania Alimentar**

**Resumo:** As áreas de Reforma Agrária no Brasil, terras do Estado ocupadas por assentados do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), possuem famílias em busca de condições justas de viver e soberania alimentar. Contudo, as transformações socioterritoriais e ambientais, ao longo das décadas, alavancadas pelo avanço do capitalismo no campo, conduziram para a realidade onde o sistema de plantio predominante nos assentamentos é o convencional, que utiliza a monocultura e agroquímicos nas plantações. A Agroecologia, em contrapartida, possibilita a produção e ao mesmo tempo preserva os recursos naturais. Diante disso, o presente trabalho visa apresentar a experiência de implementação de um Sistema Agroflorestal em área de Reforma Agrária, no Assentamento Pirituba II (Itapeva-SP), em antiga área de monocultura de soja, tendo os mutirões como ferramenta para estimular agricultores assentados a conhecerem um espaço de transição agroecológica, suas vantagens sociais, ambientais e econômicas.

**Palavras-Chave:** agricultura familiar; emancipação; reforma agrária.

**Keywords:** agrarian reform; emancipation; family agriculture.

**Contexto**

Nas áreas de Reforma Agrária do MST, percebe-se que a cooperação é cultural e está presente no cotidiano das pessoas, tanto dentro de suas próprias casas, como com os demais moradores do assentamento. De acordo com Reis (2013), a cooperação se mostrou fundamental na socialização entre as famílias, desde o início, quando o Assentamento Pirituba II ainda era acampamento, em 1981; a maioria das famílias que acamparam nessa época eram agricultores expropriados de suas terras, e a cooperação, para eles, sempre foi expressa na forma de ajuda mútua, evidenciada em ações como a troca de dias de trabalho e os mutirões. Nos Sistemas Agroflorestais (SAF's) evidencia-se um sistema vivo, em que a relação é estabelecida pelos seres presentes no ar, na água e no solo, e a energia solar move os fluxos de energia e matéria; nesse ambiente, a diversidade é resultado da cooperação e da funcionalidade do ecossistema ali presente, o que vai de encontro ao propósito dos mutirões.

De acordo com Silva et al. (2014), dentre as experiências com sistemas agroecológicos em andamento no Assentamento Pirituba II, seis dos sete responsáveis por essas áreas citam a falta de mão-de-obra como principal ou um dos



principais entraves para continuidade das atividades, diante disso, percebe-se a importância da retomada dessa atividade. Os mutirões acontecem pontualmente; os assentados se reúnem no lote definido para realizarem a atividade do manejo agroflorestal, manualmente. Essa atividade, caso fosse realizada somente pelo agricultor responsável pela área e sua família, demoraria muito tempo. Além disso, por ser uma atividade que tem duração prolongada durante o dia todo, as famílias se organizam com relação à alimentação, o que corrobora com maior estreitamento dos laços interpessoais e organicidade da atividade.

Diante do panorama apresentado, esse trabalho visa apresentar a experiência de implementação de um SAF em área de antiga plantação de soja do Assentamento Pirituba II, no município de Itapeva - SP (Brasil), com início em 2018, utilizando os mutirões realizados no SAF como ferramenta de fortalecimento do cooperativismo da comunidade na transição agroecológica, ao estimular outros agricultores assentados que cultivam nos padrões da agricultura convencional, a conhecerem um espaço de transição agroecológica, suas vantagens e benefícios sociais, ambientais e econômicos, o que poderá fazê-los pensar na possibilidade de transição agroecológica em seu lote.

## **Descrição da Experiência**

O Assentamento Pirituba II está localizado em terras do governo do estado, implantadas em 1984, nos municípios de Itapeva e Itaberá, no sudeste do estado de São Paulo, e ocupa uma área total de 8000 hectares; está dividido num sistema de seis áreas, as quais, ao todo, contém mais de 370 lotes, cada um com o tamanho de 15 hectares. A principal atividade econômica desenvolvida é a produção de grãos, como soja, milho e feijão, com extensiva utilização de maquinário e agroquímicos; estudos na área já comprovaram o impacto negativo causado no solo por esse uso, e projetos com a agroecologia tem mostrado resultados positivos diante dessa realidade (SILVA et al., 2014).

A região onde se encontra o Assentamento Pirituba II pertence a uma zona de transição entre os biomas de Mata Atlântica, Cerrado e Mata das Araucárias - em distâncias de alguns quilômetros podem-se observar essas diferenças; contudo, pelo desmatamento para culturas de soja, milho e pinus, predominantemente, atualmente há somente resquícios e fragmentos dessas vegetações (SILVA et al., 2014).

A área onde o SAF está sendo implantado encontra-se na Agrovila I, localizada no sudeste do estado de São Paulo, dentro do Assentamento Pirituba II, no município de Itapeva. A área tem aproximadamente 0,5 hectare, e está localizado em terreno retangular e inclinado, limitado de um lado pela margem de um rio, com mata ciliar preservada; na região mais próxima à cabeceira da nascente, há uma área de plantação de algumas espécies, como o bambu, araucária, abacate e limão. E do outro lado por plantações de monocultura de pinus, onde há utilização de agroquímicos.



No ano de 2016, foram plantadas mudas de banana-prata, banana-da-terra, amora-preta, repolho, cebola, chuchu, inhame (em grande quantidade), milho, feijão e uva (a qual não desenvolveu), limão, mexerica, macadâmia, laranja, erva-mate, e não foi utilizado nenhum agroquímico nem insumos.

Após algumas colheitas, em razão de problemas pessoais, os agricultores responsáveis por esse terreno, no assentamento, pela falta de tempo, optaram por retirar quase todas essas espécies para plantação de soja, em outubro de 2017, e essa plantação seguiu os padrões de monocultura convencional, com a utilização de agroquímicos; porém, a produtividade foi muito baixa, e discute-se que um dos motivos pode ser pelo fato do solo estar possivelmente ácido.

Após a colheita da soja, em março de 2018, e de reflexões acerca das vantagens da produção agroecológica, os agricultores optaram pela implantação do SAF, iniciando com a proteção do pinus ao lado da área, com a plantação de napiê, pois cresce rápido para constituir uma primeira barreira de proteção.

Os agricultores responsáveis pela área (Celia, Eleidimar e Geovanna) tem como atividade principal o trabalho em outros setores, e isso dificulta o desenvolvimento da área, pois, em geral, só tem tempo aos fins de semana para cuidar do espaço de plantio, que se localiza a 3 quilômetros de sua propriedade de moradia; contudo, mesmo diante dessas dificuldades, a área vem se desenvolvendo.

De junho de 2018 a julho de 2019, foram plantadas espécies de abóbora, melancia e milho pipoca em consórcio, feijão preto e feijão carioca em consórcio com mandioca, alho, batata, cabaça, café, abacaxi, vinagreira, seriguela, pitaya, limão, cana-de-açúcar, mexerica, e banana-prata na área.

Em 2019 foi realizada a colheita de feijão preto, milho pipoca, cana-de-açúcar e limão foi suficiente para o consumo do núcleo familiar dos agricultores, enquanto a colheita de abóbora e banana-prata rendeu em quantidade suficiente para consumo familiar e compartilhamento com outros assentados. Após todas as colheitas, as sementes eram cuidadas e guardadas para o próximo plantio.

Todas as plantações foram feitas manualmente, sem o auxílio de maquinário ou insumos, bem como seu cuidado, seguindo os princípios da agroecologia. A manutenção também foi manual, bem como a rega, quando necessária, onde foi utilizada a água do rio à margem do SAF.

A obtenção de sementes e mudas se deu por trocas com outros assentados, agricultores e quilombolas, de maneira colaborativa, tendendo a utilizar ao mínimo o recurso financeiro.

Ainda pretende-se organizar o quadro de plantio de maneira participativa, com o auxílio de outros agricultores da área que tem experiência no plantio com base em sistemas agroecológicos.



## Resultados

O processo de transição agroecológica é longo, com duração de anos, pois depende do desenvolvimento e fisiologia das plantas, na qual cada espécie possui suas especificidades com relação ao crescimento para estabelecimento da área de plantio; além de que o processo também depende do grau de influência das plantações dos entornos, que utilizam agroquímicos.

Atualmente, o projeto de desenvolvimento do SAF encontra-se em planejamento de plantio, pois apesar de alguns quadros estarem com algumas espécies, nem todo o espaço está sendo utilizado. Os agricultores afirmaram estarem discutindo sobre o formato do plantio, as espécies escolhidas para produção e as espécies de adubação verde, serão plantadas, provavelmente, linhas de frutíferas até o final de 2019.

Constata-se que os sistemas produtivos de base agroecológica já instalados no Assentamento Pirituba II, utilizados pelos agricultores assentados, se mostram sustentáveis ao ambiente, e são viáveis, em termos econômicos, tanto pela geração de renda, quanto pela segurança alimentar, pelos processos de cuidado com o alimento, e pela diversidade nutritiva que esses sistemas oferecem. Contudo, deve-se lembrar que o maior problema tanto para a ampliação desses sistemas, quanto para a manutenção dos atualmente instalados, é a estrutura de produção de grãos baseada em maquinário que compacta o solo e utilização massiva de agroquímicos presente no território do assentamento (SILVA et al., 2014).

A partir disso, o presente projeto, ainda em início, busca dar continuidade no sistema de produção de base agroecológica dentro de assentamentos da Reforma Agrária, fortalecendo e contribuindo com os sistemas que já existem na área, e auxiliando no desenvolvimento de novas relações que promovem coesão social no assentamento, por meio dos mutirões agroflorestais; espera-se que à medida que essas ações forem se concretizando, o interesse dos demais agricultores assentados por sistemas de base agroecológica seja impulsionado, o que reforça a resistência contra os avanços do capitalismo dentro do campo.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e a todas as assentadas e assentados que lutam todos os dias pela Reforma Agrária Popular e pela Agroecologia; só a luta muda a vida.

## Referências bibliográficas

LOPES, P. R.; **Caracterização da incidência e evolução de pragas e doenças em agroecossistemas cafeeiros sob diferentes manejos**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) São Carlos: UFSCar, 2009. 203 pag.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



REIS, Ana Terra. Sobre a Luta, as Políticas Públicas e a Emancipação: o caso do Projeto de Assentamento Pirituba II, em Itaberá e Itapeva – SP.. **Serviço Social em Revista**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.114-144, 26 dez. 2013. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-4842.2013v16n1p114>.

SILVA, Jonas Pereira da et al. Experiências em Agroecologia no Assentamento Pirituba II. In: SIMPÓSIO DE REFORMA AGRÁRIA E QUESTÕES RURAIS, 6., 2014, Araraquara. **Anais do VI Simpósio de Reforma Agrária e Questões Rurais**. Araraquara: Nupedor, 2014. v. 6, p. 1 - 12.